



## CRÔNICAS E PASSARINHOS: POSSIBILIDADES DE ESTUDO E DE LEITURA

## CHRONIC AND BIRDS: OPPORTUNITIES FOR STUDY AND READING

Marcela dos Santos Alves\*

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP

[ms.alves@unesp.br](mailto:ms.alves@unesp.br)

Para Marisa Lajolo (2016, p. 7), a crônica é um gênero essencialmente brasileiro porque possui uma escrita envolvente, capaz de suscitar nos leitores os mais diversos sentimentos, envolve-os em curtas histórias de linguagem simples e comunicativa que tratam de eventos cotidianos. A crônica é tão cativante que mudou de suporte ao longo dos anos, mas não perdeu sua importância: foi dos jornais para as revistas, para o mundo dos livros e hoje se encontra nas plataformas *online*.

Sem uma estrutura rígida, tendendo a uma escrita autônoma e peculiar de cada cronista, este gênero literário, que foi fundado a partir do desenvolvimento da modernidade para ser uma literatura de rápido consumo, ganhou entre seus adeptos muitos escritores que já eram conhecidos em outros gêneros,<sup>1</sup> como também permitiu que novos escritores passassem a ser prestigiados por textos assinados nos jornais, como é o caso de Rubem Braga, que se tornou o primeiro no ramo da literatura a ganhar reconhecimento com suas crônicas.

---

\* Doutoranda em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP. Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista (UNESP - Campus Assis). Licenciada em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP - Campus de Assis).

<sup>1</sup> É o caso de Machado de Assis, José de Alencar, Olavo Bilac, Lima Barreto, entre outros. Ver: CHALHOUB; NEVES, 2005; CANDIDO, 1992, entre outros.

No século XX, que a crônica deixa de ser apenas um texto jornalístico e passa a ser considerado também um gênero literário, mesmo que ainda menor em relação aos outros tipos (CANDIDO, 1992, p. 13), o que possibilitou uma maior visibilidade aos seus escritores. É o caso de um grupo de cronistas que tomou de assalto as páginas dos periódicos da época: Rubem Braga, Fernando Sabino, Stanislaw Ponte Preta, Vinícius de Moraes, Paulo Mendes Campos e José Carlos de Oliveira. Pela amizade e pelo ofício, tais escritores formaram uma rede de sociabilidade que permitiu que suas crônicas fizessem sucesso, excedendo os jornais e revistas até encontrar o espaço das editoras, como é o caso da Editora do Autor e a Editora Sabiá,<sup>2</sup> cujos proprietários eram Fernando Sabino e Rubem Braga. O intuito das editoras era o de publicar os livros dos próprios editores, bem como de seus amigos.

Assim, a partir da vivência destes autores no âmbito das editoras citadas que surge a ideia para a antologia *Os Sabiás da Crônica*, publicada pela editora autêntica em 2021, com prefácio e organização de Augusto Massi, muito familiarizado com esses espaços. Professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo desde 1990, Massi é doutor e mestre em literatura pela mesma universidade, além de ser graduado em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Além de sua carreira universitária, também atua como poeta, ensaísta e crítico literário em diversos temas, além de ter sido editor pela Cosac Naify.

O livro foi um dos finalistas do Prêmio Jabuti de 2022 e a ideia para a sua organização veio quando do descobrimento de fotos feitas por Paulo Garcez para a divulgação da abertura da Editora Sabiá. Os retratos imprimem na formação da editora uma ideia de grupo em prol da amizade e pelo gosto da literatura. Dessa forma, o livro de Massi foi estruturado de forma a representar o grupo. *Os Sabiás da crônica* está dividido em dois momentos: o prefácio e a seleção das crônicas.

No prefácio, além de explicar a estrutura escolhida para o livro, o organizador traça um pequeno histórico sobre a crônica no Brasil, a fim de apresentar as suas fases e seus escritores até chegar nessa nova geração de cronistas das quais os sabiás são parte. Os autores entrelaçam três gerações, sendo Vinícius de Moraes e Rubem Braga da segunda geração (entre 1897 a 1922), Paulo Mendes Campos da terceira (1922 a 1945) e os demais pertencem a um quarto momento que se dá entre 1945 e 1972. Assim, Massi

---

<sup>2</sup> A Editora do Autor foi criada em 1960 por Fernando Sabino, Rubem Braga e Walter Acosta. Em 1966, foi vendida para Acosta que manteve, junto com sua família, alguns direitos de publicação. No ano seguinte, Sabino e Braga criam a Editora Sabiá que foi vendida em 1974 para a José Olympio. (HALLEWELL, 1985, p. 384).

observa cada um dos autores de forma individual, no que diz respeito à vida e ao estilo de escrita para, depois, coloca-os dispostos nesse grupo. Como ele mesmo diz: uma andorinha só não faz verão.

Além de uma história das fases da crônica no Brasil, Massi cria todo um percurso desses autores nos jornais e revistas mais importantes da época, traçando a carreira dos escritores e indicando outros relacionamentos profissionais que são muito importantes para suas carreiras, como editores e diretores de jornais e revistas, criando um panorama das mudanças sofridas pela crônica ao longo do século XX até que ela encontrasse na Editora Sabiá seu lugar de estrelato.

No segundo momento, o livro reúne 90 crônicas de Rubem Braga, Vinícius de Moraes, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Stanislaw Ponte Preta e José Carlos Oliveira. O período de publicação das crônicas escolhidas foi entre 1930 até 2004, quando o último integrante, Fernando Sabino, morre. O processo de curadoria que Massi promoveu fica evidente durante a leitura das crônicas, inicialmente pela sequência dos autores por idade, iniciando com Rubem Braga, o mais velho, e finalizando com José Carlos Oliveira, o mais novo. As crônicas percorrem as obras de estreia até as coletâneas póstumas, da cidade natal à vida no Rio de Janeiro.

Além da divisão por autores, há uma segunda organização que é mais literária e sincrônica, que parte de uma reflexão sobre o ofício do escritor e se encerra com uma crônica que irá apresentar, de alguma maneira, o próximo cronista. Há um processo de curadoria visível quando analisamos as demais temáticas: o difícil processo de escrita, belas mulheres desfilando nas praias do Rio de Janeiro, os encontros entre amigos nos bares, as histórias sobre amizades dentro e fora do círculo de escritores, histórias sobre locais no Rio de Janeiro ou cidades natais, bem como viagens ao redor do mundo e a paixão por passarinhos.

Massi tentou reconstruir o enredo das trocas de experiências coletivas entre os escritores, demonstrando um quadro histórico e cultural que levasse em consideração também a constituição da amizade. Assim, as crônicas escolhidas podem ser um objeto de análise da época em que os autores viveram, o vínculo entre literatos, a realidade da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil, além de outras questões sociais relativas à época.

Ao apresentar todo o panorama, fica mais fácil ao leitor compreender o trajeto escolhido pelo organizador para compilar as 15 crônicas de cada autor. Rubem Braga, um dos nomes mais reconhecidos quando o assunto é crônica, situa sua escrita no cotidiano da cidade moderna do Rio de Janeiro, embora lembre sempre com carinho das

histórias passadas na sua cidade natal. Com linguagem simples e próxima a oralidade, trata das pequenas coisas do dia a dia, sem incorrer ao efêmero ou banal. Apaixonado por passarinhos, não é à toa o nome de sua editora, faz de suas histórias um enredo comovente que não aparece apenas em seus textos, mas nos de amigos próximos, tanto que Paulo Mendes Campos o apelida de Sabiá da crônica.

Partindo da poesia, Vinícius de Moraes expande as possibilidades do lirismo na crônica, chegando ao limite de outras formas estéticas, como o conto, a música, o cinema, entre outros. Diferente de Braga, o cotidiano é inundado com o extraordinário, com as histórias regadas a whiskey e jazz, os encontros com atrizes estonteantes e amigos influentes, no Brasil e fora dele, amigos jovens que conservam a energia para beber e conversar madrugada a fora, além de suas histórias envolvendo os tempos como diplomata nos Estados Unidos.

Sabino mantém as histórias cotidianas simples e corriqueiras como base de suas crônicas, mas utiliza muito do humor e ironia para apresentar questionamentos existenciais e de um monólogo interior para trazer um sentido mais profundo a seus escritos, sendo essas características encontradas também em seus romances. Ao sentar em um bar, consegue perceber todo um mundo da qual ele é apenas espectador e retirar sempre um significado maior que, talvez, somente aquele que vivencia de dentro consegue enxergar. Sua cumplicidade com as histórias que apenas presencia e não participa, fazem do seu cotidiano um lugar que vale a pena ser compartilhado nas folhas do jornal.

Paulo Mendes Campos também vivia entre a poesia e a prosa, buscando a harmonia entre a necessidade de escrever poemas e a realidade de sobreviver da máquina de escrever, tema, inclusive, recorrente em suas crônicas, demonstrando sempre um pouco caso em relação à crônica. Entretanto, se não revelasse esta informação ao público, o leitor jamais desconfiaria, dada sua habilidade na escrita de longas e cativantes crônicas. De caráter anedótico e beirando à uma escrita estilo diário, Mendes Campos apresenta temáticas bem pessoais: os locais que frequentava no Rio de Janeiro, os grupos de amigos que se reuniam e a nostalgia de um Rio de Janeiro que estava mudando rapidamente.

Se falar sobre o cotidiano é comum a todos os cronistas, contar causos é uma especialidade de Sérgio Porto, cujo codinome é Stanislaw Ponte Preta. Além do pseudônimo, o autor também faz uso de diversos personagens, como a tia Zulmira e primo Altamiro, para satirizar vários eventos políticos e sociais brasileiros. Sua forma de escrever toda cheia de humor é sempre acompanhada por um tom irônico ou ferino que

imprime aos olhos mais atentos a opinião do autor sobre pessoas e acontecimentos. Também apresenta histórias sobre os amigos e os locais que eram referência a um grupo seleto de pessoas, principalmente artistas, no Rio de Janeiro. Sua forma sintética de escrever não diminui em nada a qualidade do humor e do conteúdo de suas crônicas, apenas deixam o leitor ávido pela próxima crônica.

Por fim, José Carlos Oliveira. Cronista especializado em autoficção, da qual conta histórias de sua vida sem a pretensão memorialística da exatidão, mas também destrincha seus pensamentos e seus desejos, apresenta seu amor antigo que nunca foi esquecido e todas as mazelas da vida mundana. Sempre dividido entre a vida boêmia e o trabalho como escritor, essas temáticas são apresentadas de formas variadas em suas crônicas. Sem se identificar entre esquerda e direita, a discussão perpassa seus escritos, apresentando a dicotomia existente na sociedade no momento em que escrevia, apresentando um atributo de irritar ambos os lados.

Todos estes autores apresentados no livro de Augusto Massi são de longa data conhecidos por seus feitos, tanto na crônica quanto em outros gêneros literários. Entretanto, ainda faltava um livro que conectasse os autores para além do ofício, apresentando os traços de amizade e companheirismo. É por isso que o prefácio apresentado é tão importante: ele indica as relações entre autores desde o jornal, passando pelas revistas e chegando nas editoras especializadas em publicar as crônicas em formato de livro. E os sabiás fazem parte de todas essas etapas, tanto que sua amizade ajuda a formular a Editora Sabiá.

Do ponto de vista dos estudos históricos, a utilização da crônica como fonte para a pesquisa não é novidade, já que ela possui a característica de falar sobre o cotidiano ou, mesmo quando beira a ficção, pode-se fazer uma análise sobre o autor e suas características literárias. Como produto da modernidade, a crônica pode ser considerada objeto de estudo por trazer assuntos de variedades, opiniões e entretenimento para os rodapés dos jornais.

Se, separadamente, os autores citados possuem um número considerável de estudos sobre suas carreiras, não quer dizer que as possibilidades estão esgotadas, e a organização de Massi demonstra isso. A obra abre possibilidades para estudo em várias áreas do conhecimento no que tange às crônicas e os estilos de escrita de cada autor, as temáticas apresentadas por eles, as relações que eles criaram nos espaços de sociabilidade dos intelectuais cariocas, uma análise sobre a sociedade do Rio de Janeiro, entre outros assuntos que são possíveis de serem abordados. Outro tema que pode ser explorado a

partir do prefácio do livro é o veículo da crônica, ou seja, os jornais, revistas e também as editoras especializadas. O gênero pode ser considerado menor, mas as possibilidades de análise são infinitas.

### REFERÊNCIAS:

CANDIDO, Antonio (et al.). **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda (org.). **História em cousas miúdas**. Campinas: Ed. Unicamp, 2005.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: Edusp, 1985.

LAJOLO, Marisa. Um exercício diário de sensibilidade. In: COLASANTI, Marina. **Melhores crônicas**. São Paulo: Global, 2016.

MASSI, Augusto (org.). **Os Sabiás da crônica**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021.



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

Recebido em: 13/12/2023  
Parecer dado em: 19/02/2024